



Bat Israel (Uma filha de Israel)

Yaacov Steinberg*

Num dia de frio intenso, no sábado que antecedia à festa de *Chanuká*,¹ Zelig levou sua esposa para o vilarejo. Ela era uma das filha de Israel, uma mulher com luz própria, cujos olhos eram acinzentados e, em cujas bochechas, havia uma suave camada de sombra avermelhada. Zelig, que possuía uma mercearia no centro do mercado, convidou alguns dos membros de sua comunidade para uma recepção de boas-vindas. Aconteceu que, já no primeiro sábado, a jovem não caiu nas graças das mulheres do lugar, tanto por causa de seu sorriso quanto pelo riso que havia em seu olhar.

A mulher era das redondezas de Kherson,² e, definitivamente, em nada se parecia com as mulheres daquele vilarejo. Era diferente das modestas moças da Volhynia³ que sorriem de soslaio umas para as outras, enquanto seus olhos parecem ter ficado imóveis sob uma delicadeza que expressa frio ou leve tédio. Já no primeiro sábado, o olhar de Tzipora, a esposa de Zelig, chamou a atenção por sua alegria e vivacidade. Todos perceberam isso, inclusive os homens que

* Yaacov Steinberg é um dos grandes nomes da literatura hebraica da primeira metade do século XX, nasceu em Bila Tserkva, região central da atual Ucrânia, que na época fazia parte do Império Russo em 1887. Seu pai era açougueiro e ele iniciou seus estudos numa escola rabínica. Em 1901, aos 14 anos, abandonou a cidade natal chegando a Odessa, na época um dos principais centros da intelectualidade judaica. Ali ele conheceu a Haim Nachman Bialik e entrou em contato com a poesia e com a literatura hebraicas. Em 1903, passou de Odessa para Varsóvia onde conheceu o escritor I. L. Peretz. Em Varsóvia, ele começou a participar da imprensa escrevendo tanto em ídiche como em hebraico. Em 1910, mudou-se para a Suíça onde estudou na Universidade de Berna. Retornou a Varsóvia para escrever no jornal ídiche *Der Fraynd*, que foi o primeiro jornal em ídiche a circular diariamente no Império Russo entre 1903 e 1912. Em 1914, Steinberg chegou à Palestina e, desde então, passou a escrever apenas em hebraico. Faleceu na cidade de Tel Aviv em 22 de junho de 1947. Este conto escrito em hebraico encontra-se disponível em: <<https://bybe.benyehuda.org/read/10316>>

¹ *Chanuká* é conhecida como a Festa das Luzes, ocorre no terceiro mês do calendário judaico e relembra a vitória dos judeus contra os gregos selêucidas no ano 164 a. C. e a consagração do Templo em Jerusalém ao culto judaico.

² Kherson é uma cidade da atual Ucrânia.

³ Volhynia é uma região localizada ao Noroeste da Ucrânia, entre os rios Pripiat e a Podólia.



passaram a pedir que Zelig levasse o "raio de luz", a fim de que pudessem saudá-la, desejando-lhe "longa vida", assim como às mulheres que Tzipora havia reunido num pequeno quarto. Depois disso, a conversa sobre a mulher que veio para o vilarejo tornou-se corriqueira entre todos, pois a mensagem que seus olhos transmitiam era mais forte do que sua boca falava.

A jovem era vista como uma boa dona de casa entre a população do lugar. As mulheres, no entanto, em grupo, após seu retorno da casa de Zelig, não conseguiam dizer se a jovem anfitriã havia mostrado uma deferência especial em relação a alguma delas. Também parecia estranho, aos olhos daquelas mulheres, que aquela jovem tenha ido se estabelecer naquele lugar, tendo que permanecer por longos invernos dentro de um comércio de venda de peixes salgados e arenques, enquanto seus olhos pareciam estar sempre alegres, mesmo durante o *kiddush*.⁴ Além disso, ela também tinha por hábito falar a respeito de todo tipo de assunto com as mulheres do lugar, sem, no entanto, procurar a proximidade das pessoas daquele vilarejo. Todos aqueles homens e mulheres, que eram do círculo de conhecidos de Zelig, ao sentarem em torno da mesa do *shabbat*, não ousavam falar nada a respeito de Tzipora, mas, para todo mundo, sua presença continuava a reverberar, como se tivesse passado por cima deles algo luminoso.

Aquele primeiro sábado não passou em paz nem para Zelig nem para sua esposa. Enquanto estavam sentados à mesa, Tzipora serviu ao marido uma porção fria de uma cabeça de peixe e, estando em pé próxima à mesa, sorriu para o marido e seus olhos o observaram fixamente. Zelig nunca tinha visto antes um ser humano que fosse capaz de caminhar e, ao mesmo tempo, olhar fixamente. Sem qualquer explicação, ele foi tomado por uma raiva tal e, ao retirar o seu prato das mãos de sua esposa, disse-lhe:

— Por que você está me olhando assim?

A mulher lhe respondeu alguma coisa, mas seus lábios, que não pronunciaram palavra alguma, se encolheram com indignação como faziam as mulheres de Kherson. Era ela que decidira sair daquela cidade para ir para longe atrás de seu marido, um merceeiro de classe abastada em uma cidade distante do estado da Volhynia. Mesmo durante toda a refeição do *shabbat*, Zelig conseguiu restabelecer o descanso e a sonolência que tomavam conta dele a cada sábado. Naquele *shabbat*, ele seguiu a esposa com seus pequenos olhos negros e, de tempos em tempos, quando Tzipora, por exemplo, estendia sua mão para pegar um pedaço de *chalá*,⁵ pareceu a Zelig que ela fixava seu olhar na *chalá*, olhando-

⁴ *Kiddush* é a bênção feita à hora do início do *shabbat*.

⁵ *Chalá* é o pão trançado, típico do *shabbat*.



a fixamente. Dessa forma, Zelig achou que para todo lugar ao qual a Tzipora se deslocasse, ela primeiro costumava irradiar um raio de luz que seus olhos pareciam emitir, despertando nele o desejo de dizer a sua esposa: "Por que você não se senta em um só lugar?", embora Tzipora não tivesse sequer se levantado e seus olhos apenas acompanhassem os passos da criada que estava naquele momento trabalhando na casa.

Depois que o jantar terminou, Zelig apressou-se e se esticou na cama. Tzipora penteou o cabelo, separando-o em dois e sentou-se na beirada da cama ao lado do marido. Seus olhos percorreram o quarto e ela parecia querer se acostumar com a nova casa. Zelig já estava meio adormecido enquanto alisava sua barba fina e preta como carvão. Mas, um momento depois, seus olhos se abriram novamente e ele bocejou diante dos braços nus e claros de sua esposa. De repente, pareceu a Zelig que o quarto havia sido subitamente iluminado, mas ele imediatamente puxou o cobertor por sobre a cabeça e, por baixo dele disse para a esposa:

— Por que você não vai se deitar?

B

A loja de Zelig se localizava no canto mais enlameado do mercado, entre as lojas de carvão e outras que vendiam toda espécie de peixes, principalmente defumados, para os quais um judeu simples não podia se dar ao luxo de olhar. A loja possuía duas portas que permaneciam abertas o dia todo e, ainda assim, a luz que penetrava naquele lugar era diminuta. Os barris exalavam um líquido escuro de peixe. Sob o teto baixo, pendiam vigas sobre as quais estavam pendurados alguns peixes defumados amarelados. Zelig estava acostumado a essa penumbra, seu olhar parecia ter se tornado mais acurado dentro da loja e, geralmente, quando um andarilho se desviava para essa loja escura que ainda assim, era maior do que as outras, os olhos de Zelig se abriam. Seus olhos tornavam-se semelhantes aos do resto das pessoas, ficando iluminados de leve satisfação.

Naqueles dias, quando se aproximavam as festividades dos não judeus, Tzipora começou a trabalhar na loja escura. Em toda a área da loja, por fora e por dentro, se espalhavam ossos de peixes que rangiam sob os pés, misturados à sujeira e ao lodo no meio de todos os tipos de barris. Havia, também, escamas úmidas penduradas no teto e que ficavam presas sobre o rosto de Zelig e na sua barba, a mesma barba que parecia despontar por baixo de sua malha. Assim, Zelig estava sempre sujo, suas orelhas vermelhas pareciam menores e seus olhos estavam sempre vermelhos por causa do frio. Além disso, sem prestar atenção à agitação que havia dentro da loja, ele passou a ensinar Tzipora como negociar com os camponeses. Ele ficava de pé sobre um barril de peixes



salgados, balançando a cabeça em direção à Tzipora, enquanto ela pesava na balança alguma coisa para um dos fregueses. "Por que ela parecia olhar tanto?", pensou Zelig com leve ressentimento. Tzipora olhou para a balança com seus olhos tranquilos e iluminados observando com atenção para a alça que subia e descia. Depois de um tempo, Zelig reparou, novamente, nesse ato da esposa e isso lhe pareceu inútil, mas começou a tossir a fim de controlar sua raiva. Mas, quando um dia, ele viu sua esposa pegando um limão para uma freguesa judia, segurando a fruta com extremo cuidado e observando-a de todos os lados, não pode mais se controlar e disse:

— Talvez um pouco mais rápido, Tzipora?

Num momento depois, segurando o bigode, acrescentou:

— Aqui são necessárias mãos e não olhos.

Tzipora ficou ligeiramente ofendida na frente freguesa, mas não respondeu nada ao marido. Com os cílios levemente abaixados, ela entregou o limão à compradora e, inadvertidamente, começou a lembrar-se das palavras da sua mãe sobre a loja que seria dela depois do casamento. Sem demonstrar qualquer ressentimento, começou a lidar com outro comprador. Mas Zelig, no entanto, que estava acostumado ao fato de que até mesmo o rapaz, seu funcionário na loja, responder a ele por qualquer reprovação, não pôde aceitar o silêncio de sua esposa. Naquele mesmo dia, ele voltou a entrar em atrito com Tzipora várias vezes: "Não olhe tanto! É melhor você agir com as mãos do que com os olhos!", ou ainda: "Por que você permanece em pé observando?". Quando estava incomodado com alguma coisa, Zelig não se continha. Ele viu como um mau sinal o silêncio de Tzipora, mas a jovem apenas abaixou os longos cílios e se manteve em um silêncio contido. Ela ainda se sentia na loja como uma estranha. Zelig, seu marido, estava ali como em sua própria casa, a ele era permitido estar sempre levemente irritado.

Em casa, a mulher também teve que se defender dos argumentos do marido. Ela se preocupava com a limpeza e ia cuidando de todos os cantos, enquanto seu olhar permanecia calmo e contemplativo. Zelig se distanciava de Tzipora e começou a observá-la de lado sem que ela pudesse perceber esse seu olhar. A situação chegou a tal ponto que, na hora dos costumeiros passeios de *shabbat*, Zelig passou a ver-se pequeno em estatura diante de sua esposa, ou como se ela o deixasse para trás nessas caminhadas. Tzipora exibia seu pescoço alvo com certa altivez, enquanto estava envolta num manto de veludo que descia sobre seus ombros. Seus olhos delicados e arregalados pareciam irradiar ternura para com as mulheres, até o momento em que Zelig pronunciou a saudação de "*Shabat Shalom*", um bom sábado, deixando transparecer sua visível irritação.



Certa vez, ao anoitecer do sábado, após uma dessas caminhadas, Zelig sentou-se para a refeição enquanto, de forma alternada, ficava em silêncio ou emitia alguns grunhidos. Seu coração estava agitado por causa de sua esposa, mas ele não se atreveu a provocá-la. Quando tirou a roupa, deu, de forma inesperada, a sua esposa, a seguinte ordem: "Ponha meus chinelos ao lado da cama." A jovem moça que trabalhava na casa estava arrumando naquele instante a cama de Zelig. Tzipora levantou-se da cadeira e, de um canto escondido, ergueu os chinelos do marido colocando-os no lugar que lhe fora ordenado. Logo depois, sem ordenar para a jovem empregada para que se retirasse do quarto, Tzipora começou a se desvestir deixando aparecer seu corpo esbelto e branco, e de seus olhos azuis pareceu brilhar uma luz clara e vivaz. Ao ver a brancura de sua esposa, os olhos de Zelig começaram a piscar em todas as direções, e ele parecia querer duas coisas: tomar para si aquele corpo fresco e, também, possuí-lo. Ele continuou olhando para Tzipora até que, finalmente, uma voz ligeiramente sufocada saiu de sua garganta e ele disse:

— Não se mostre dessa forma!

Vestindo a camisola que lhe cobria o corpo, Tzipora sentiu como se estivesse na casa de sua mãe, no momento em que as moças se preparavam para dormir. Ao ouvir as palavras do marido, que lhe pareceram como um grunhido, ela ergueu levemente os ombros, virou-se com os pés descalços, olhando para Zelig com os olhos arregalados. Zelig fechou os olhos parecendo dormir, mas, depois de um momento, se viu compelido a lançar um olhar para a esposa, quando dois olhos grandes e azuis cheios de lágrimas, irradiaram em sua direção uma luz fria, semelhante à luz dos olhos de um estranho. Zelig levantou-se de repente e começou a persuadir sua esposa com palavras suaves, mas a mulher não mostrou-se disposta a aceitá-las. Quando Tzipora enxugou os olhos com sua mão branca, Zelig ansiou tocá-la sem delonga, diante da luz que dominava o quarto. Mas na sala, onde uma pequena lâmpada estava acesa e uma pequena chama ainda ardia, havia luz abundante. Embora Zelig tivesse adquirido, desde os dias de sua juventude, o hábito de dormir à luz da lâmpada acesa, foi forçado a perguntar à Tzipora em voz alta:

— Você não se importaria de desligar a lâmpada? Você não está com medo, está?

C

Tempos depois, Tzipora deu à luz a um menino permanecendo por um longo tempo de cama. Chegado o dia do *Brit Milá*,⁶ ela ainda não tinha se levantado

⁶ *Brit Milá* é a cerimônia da circuncisão celebrada aos oito dias do nascimento do menino.



da cama. Da sala ao lado, ouvia-se uma comoção envolvendo passos e objetos. Um após o outro, os homens foram colocando as cabeças na sala da parturiente e, com os rostos enrubescidos, foram saudando-a com a bênção de *Mazal Tov*,⁷ uma saudação rápida e misturada com certa carga de vergonha, o que faz com que o riso aparecesse nos lábios da jovem mãe.

Por fim, Tzipora parou de ver as velhas barbas negras ou amarelas e os chapéus dos homens, pois, nesse momento, havia apenas mulheres de pé ao lado da cama. De sua testa lisa e branca, do rosto pálido e dos olhos cansados, começaram a ser derramados em direção às mulheres, uma espécie de luz festiva. As mulheres começaram a estender suas mãos e a deslizar os dedos sobre a cama, tomadas por uma espécie de pureza diante do primeiro parto de Tzipora. Foi então que uma jovem, cujo rosto expressava a típica preocupação de uma mãe de muitos filhos, começou a repetir várias vezes, que era assim que ela gostava de ver Tzipora, que não se levantava da cama sequer no dia do *Brit Milá*, e enquanto ela falava, ia ajeitando o lenço de seda que cobria os cabelos claros da parturiente. Enquanto isso, diminuiu, em parte, o barulho no quarto contíguo onde as pessoas foram se reunindo, sentando-se em cadeiras e bancos. Eram os homens à procura de lugar diante do importante evento. A seguir, começaram a ser ouvidas as vozes dos homens enquanto Tzipora ia respondendo às indagações das mulheres, demonstrando, também, prazer diante da algaravia proveniente daquele quarto.

Às vezes, Zelig elevava sua voz, ora quando encontrava-se na cozinha discutindo e gritando em direção à mulher que servia os convidados, ora quando respondia às saudações dos homens que o cumprimentavam com o tradicional *mazal tov*. Enquanto isso, Tzipora foi, inadvertidamente, fechando os olhos enquanto ouvia a voz do marido.

No meio de toda aquela algazarra, Tzipora reconheceu, pelos passos, a aproximação de sua amiga Rachel, uma mulher que tinha se casado havia dez anos, mas cujo esposo não tinha ainda uma ocupação regular. Toda segunda e quinta-feira, ele contratava uma carroça para trazer mercadorias de lugares distantes. Rachel, que era uma moça boa e tranquila que nunca se ressentia com seu marido, saudou a jovem mãe com um *mazal tov* suave e modesto, e Tzipora sentiu-se tão reconfortada com o cumprimento de Rachel, que abaixou levemente seu olhar. Após isso, ouviu-se no quarto a voz alta e marcante de um homem. Tzipora abriu os olhos e viu como Rachel puxava um homem alto e de boa aparência pela manga e lhe dizia: “Saia daqui, Baruch!”. Tzipora entendeu, que aquele era o esposo de Rachel a quem, até aquele dia, não tinha conhecido. Ela viu com seus olhos brilhantes Rachel, sua amiga, que não tinha cessado de

⁷ *Mazal Tov* significa parabéns! boa sorte!



puxar o marido pela manga. O rapaz aproximou-se da parturiente e, em voz baixa, começou a falar alguma coisa. Ele se agachou por um momento ao lado da cama e observou que as pálidas bochechas de Tzipora tinham ficado levemente vermelhas. Naquele instante, Zelig apareceu, apoiou sua mão sobre o ombro do homem e disse:

— Venha! O que você está fazendo aqui entre as mulheres?

Zelig permaneceu por um instante atrás do estranho, enquanto Tzipora olhava por trás do travesseiro sem conseguir enxergar a cabeça de seu marido. Repentinamente, ela foi tomada por um mau pressentimento. Pareceu-lhe que não havia nada por perto, e que somente longe havia pessoas correndo e correndo. Ela fechou os olhos, seu coração batia e seus lábios estavam secos. Com grande esforço, ela abriu os olhos novamente puxando levemente a cabeça para o lado de Rachel, ela também mexeu seus lábios querendo sussurrar no ouvido de sua amiga: "Eu o odeio!". Mas, ao lado de sua cama, havia muitas mulheres e, do quarto contíguo, começou a ser ouvido o chamado: "É chegada a hora do *Brit Milá* da criança!"

D

Tempos após o nascimento do menino, Tzipora permaneceu em casa recusando-se a ir à loja. Zelig costumava voltar correndo para casa para as refeições e, enquanto comia, resmungava entre um alimento e outro dizendo:

— Nossa sorte não é como a dos outros judeus. Os outros, quando casam, se livram de todos os problemas.

Sua esposa ficou em silêncio e ele supôs que ela não estava entendendo o que ele acabara de dizer, então, acrescentou que ele estava sendo enganado em sua loja e que muitos clientes estavam levado mercadorias a crédito, fiado. Tzipora serviu-lhe uma porção depois de outra, enquanto seus grandes olhos contemplavam a pequena cabeça preta do marido por sobre a mesa. De repente, Zelig interrompeu no meio da bênção dos alimentos e lançou um opróbrio contra a esposa:

— Até mesmo sua amiga Raquel acha que eu vou lhe vender fiado para sempre!

Uma luz pareceu atravessar os olhos de Tzipora e ela perguntou:

— E ela continua a receber crédito?

— A joia dela fica sempre por aqui, ele não viaja mais a lugar algum!. Zelig reprovava, dessa forma, o marido de Rachel, que era aceito por todos como um homem culto, sem ter, no entanto, meios de subsistência. Nesse momento, Zelig viu Tzipora em pé, imóvel, e com o prato de comida na mão como se esperasse que ele dissesse alguma outra coisa.



— Ouça, o que vou lhe falar – ele disse de repente. Vá até a casa de Rachel, talvez você consiga receber alguma coisa daquele desocupado.

Depois que a refeição acabou, Tzipora começou a amamentar a criança, mas seu coração estava ligeiramente acelerado. Ela começou a refletir sobre a visita que pretendia fazer sem delonga à casa de Rachel. Ela continuou pensando por muito tempo e, enquanto o menino dormia em seus braços, ela permaneceu quieta e não se mexeu. De tempos em tempos, sua mente evocava a imagem de sua amiga Rachel, lembrando da maneira como ela puxara a manga de seu marido, aquele homem alto e de ombros largos, e seus lábios começaram a sorrir com certa satisfação. De repente, Tzipora despertou de seus pensamentos, cobriu seu peito nu e colocou a criança no berço. Ela vestiu rapidamente um vestido simples, como se estivesse indo à loja mas, no entanto, foi até a casa de Rachel.

Tzipora encontrou Rachel e seu marido sentados ao lado da chaleira à tarde. Ela ficou com eles como se fosse compelida a permanecer ali. Ela usava um xale sobre os ombros, enquanto segurava suas mãos brancas nos joelhos que se moviam apenas por alguns momentos. Ela se recusou a tomar uma xícara de chá, mas, o esposo de Rachel sorriu e disse em um tom de confiança: "Ela beberá, ela beberá", enquanto se levantava mostrando ser um homem forte. Ele aproximou-se da chaleira e serviu o chá para Tzipora. Lentamente, o xale foi deslizando sobre os ombros dela e as duas mulheres iniciaram uma conversa animada e cordial, enquanto o marido andava pela sala a passos largos, espalhando a fumaça do seu cigarro e, ocasionalmente, tossindo de forma curta e forte. Por um longo tempo, ele andou para um lado e para o outro, sua ampla testa parecia enrugada. Ele parecia estar pensando, estava, aparentemente, ocupado com alguma coisa. Mas, toda vez que aquele homem de ombros largos passava ao lado de Tzipora, ela sentia um vento quente soprando e o xale que segurava sobre os ombros parecia estar caindo. Então, ela pareceu querer se apressar, levantar e ir embora. Repentinamente, ela virou-se para Rachel e disse:

— Ouça, Rachel, foi meu esposo quem insistiu; se ele não o tivesse feito, eu teria adiado minha visita para uma outra ocasião.

As duas mulheres continuaram conversando e sussurrando, mas o esposo que tinha acabado de ficar concentrado em seus pensamentos nesse meio tempo, captou algumas das palavras ditas pelas duas mulheres e decidiu intervir na conversa. Dessa vez, Tzipora se viu obrigada a olhar para ele, enquanto ele lhe falava. Ela não pode deixar de reparar naquele homem alto e bem apessoado que estava na sua frente e que tentava expressar algo com seus olhos cálidos e negros. Ele parecia quase sussurrar e seu rosto estava coberto por certo



constrangimento. Uma doçura estranha invadiu o coração de Tzipora, mas após alguns instantes, a doçura desapareceu e ela voltou a ficar contida em seu coração, e não conseguiu se conter, levantou uma das mãos que se encontrava apoiada sobre um dos joelhos já próxima ao marido de Rachel. Então, ela lhe disse:

— Por favor, se afaste. Tzipora o empurrou lentamente com sua mão acrescentando: — Por que estamos falando aqui nós dois? Eu vim somente para falar com Rachel.

Enquanto Tzipora continuou falando, olhou para Rachel, mas ela não pode evitar que seus olhos brilhantes percebessem como o marido de Rachel ficou envergonhado com tudo o que tinha acabado de acontecer e como, após ouvir suas palavras, ele se retirou da sala. Nesse momento, Tzipora ficou aliviada e sentiu que todos os membros de seu corpo ficaram mais leves. Então, ela despediu-se e saiu da casa de sua amiga. Retornando para sua casa, enquanto percorria as ruas, seus olhos pareciam radiantes e seus passos mostravam-se leves enquanto atravessava as ruas do mercado que, naqueles dias gelados, estavam cobertas de sulcos e fendas, para ingressar após alguns instantes na loja. A loja já estava iluminada por uma lâmpada. Zelig estava usando uma túnica bem engordurada apertada por um cinto. Ele estava encostado num barril de peixes salgados quando resmungou com sua voz levemente sufocada:

— Você esteve lá? Aquela joia te deu algo ou não?

Tzipora ficou em pé ao lado da caixa registradora com as mãos dobradas e com o olhar perdido. Nesse momento, Zelig levantou a cabeça que estava mergulhada num barril de peixes. Seu rosto gelado por causa do intenso frio pareceu estar mais corando ainda por causa da raiva e ele voltou a perguntar pela segunda vez:

— Por que você não responde? Eles te deram algo lá ou não?

Mas ele ficou esperando em vão por uma resposta. Ele inclinou-se novamente dentro do barril e murmurou para si mesmo zombeteiramente:

— Eu realmente precisava de uma mulher assim!

E em voz ainda mais baixa, e por cautela do jovem criado que ali se encontrava, acrescentou se referindo à esposa:

— Um pedaço de carne com olhos!

E

No meio do inverno, o vilarejo foi coberto por uma névoa escura que pairava sobre o lugar dia e noite. O lodo que cobria o chão do mercado estava derretendo como uma matéria viva que parecia apodrecer. Os grandes barris



revestidos de alcatrão rolavam em torno das lojas parecendo, em meio à neblina, como assustadores objetos furtivos. Aquela neblina não se afastou do vilarejo por muitos dias, o ar húmido e pesado parecia cobrir as casas, enlameando a neve que ainda cobria as ruas dos gentios enquanto as pessoas permaneciam gripadas em suas lojas. O tempo frio pairava sobre o lugar atingindo, em especial, muitas crianças do vilarejo. O filho de Tzipora também adoeceu e os olhos da mãe encheram-se de lágrimas. Mesmo assim, ela continuou a acordar de manhã cedo saindo, às vezes, para abrir a loja.

Aquelas manhãs eram frias e úmidas e o rapaz, o ajudante, permanecia de pé ao lado da porta da loja, com as mãos juntas apertadas dentro das mangas. Ele olhava fixamente para o chão do mercado, lugar no qual a névoa fria acentuava o ranger das carroças, enquanto os rostos dos camponeses a seu lado, demonstravam mal-humor e desconfiança em relação ao mercado vazio e aos judeus. Tzipora andava pela loja enquanto o frio penetra seus ossos e, ao passar pelo rapaz, ela se perguntou qual seria a razão de ele estar parado pacientemente observando o mercado. De repente, ela viu uma espécie de movimento no rosto gelado do criado e os grandes olhos azuis de Tzipora observaram o rapaz querendo indagar: “O que será que ele está vendo no mercado?”.

— Já estão indo, de manhã cedo! – o servo respondeu com desdenho à pergunta que Tzipora apenas pensara.

— Quem? – perguntou Tzipora, embora já soubesse a quem ele se referia.

— Rachel – respondeu o empregado. Na caderneta, já aparece registrado o equivalente a uma propriedade inteira.

Tzipora ficou em pé ao lado da caixa registradora e disse rapidamente para o rapaz:

— Diga à jovem que Zelig está na loja.

Imediatamente, ouviram-se passos e Tzipora percebeu como o empregado sinalizou para a moça de que ela não poderia entrar na loja. Por um longo momento, Tzipora ainda permaneceu em pé ao lado da caixa registradora sem conseguir tirar a mão que tinha apoiado sobre o coração. Com o claro objetivo de atizar os ânimos, o jovem começou a rondar em torno de Tzipora, tentando também se proteger do frio e lhe disse:

— O marido de Rachel está com a perna machucada. O médico disse que ele foi atingido por uma forte friagem durante uma viagem que fez e, dessa viagem, não resultou nenhum bom negócio. Dessa vez, mais ninguém lhes vende fiado; e por isso, Zelig, meu patrão, ordenou que eles não recebam nada, nem mesmo peixes salgados.



Nesse ínterim, um camponês entrou na loja. Tzipora pegou a lista de compras de suas mãos, enquanto enviava o funcionário da loja comprar pães e biscoitos para seu esposo e levá-los para casa. Nesse meio tempo, Tzipora ficou sozinha curvando-se sobre os barris de peixes, enquanto isso, sua cabeça estava coberta de suor e seus ouvidos pareciam ter ensurdecido. De repente, ela ouviu uma voz atrás de si dizendo "Bom dia!". Tzipora endireitou-se, deu o peixe salgado ao camponês e, deixando aparecer um leve sorriso no rosto, indagou:

— É você, Rachel?

E então ela acrescentou com um agradável ar de satisfação:

— Bom dia para você também!

— Você está sozinha? – perguntou Rachel.

— Eu ainda estou sozinha – respondeu Tzipora, posicionando-se ao lado de sua amiga. Mas, certamente ele chegará em breve.

As duas mulheres ficaram em silêncio por um momento. Enquanto Tzipora olhava incessantemente para Rachel, esta hesitou, mas, finalmente, começou a falar e perguntou:

— O moço, teu empregado, está aqui?

— O que eu posso fazer por você? – perguntou Tzipora.

Depois de um curto silêncio, Rachel começou a sussurrar para si mesma:

— Não tenho açúcar, nem farinha... Deus sabe!

As duas mulheres ficaram novamente em silêncio e olharam para o mercado. Tzipora percebeu o som de passos se aproximando e seu coração se encheu de medo ao imaginar que a qualquer instante, Zelig entraria na loja.

— Eu estou de saída – disse Rachel, enquanto arrumava seu xale e começava a andar em direção à porta.

— Vá em paz! – disse Tzipora baixinho.

Tzipora permaneceu sozinha por um momento perto da porta. Ela viu seu marido se aproximando do outro lado do mercado abrindo a porta para alguém. Tzipora, como sempre, moveu-se em linha reta e começou a pesar, na balança, as mercadorias para um comprador. Enquanto isso, ela começou a refletir imaginando se ela poderia retirar da casa algum objeto de valor de uma maneira que não fosse perceptível. Imediatamente depois disso, Zelig entrou na loja enquanto Tzipora colocou silenciosamente seu lenço de lã preparando-se para sair... Zelig a interrompeu indagando:

— Vieram aqui alguns emissários?



— Eu não dei nada para ninguém – respondeu Tzipora, sem olhar para ele enquanto abria a porta.

— E não é mesmo para dar nada a ninguém! – gritou Zelig num misto de zombaria e raiva. Se eu permitisse, eles já teriam acabado com toda a minha loja!

F

Já em casa, Tzipora terminou de cozinhar, arrumou a casa e vestiu-se novamente para ir à loja a fim de mandar o marido almoçar. Ela era uma dona de casa rápida e habilidosa. Como ainda era cedo, Tzipora sabia que quando chegasse à loja, Zelig não voltaria para casa tão cedo. Ela, então, pegou o tinteiro e a pena do armário e começou a escrever um cartão postal endereçado ao pai e à mãe neste teor:

"Queridos pais:

Antes de mais nada, quero informá-los que estou com boa saúde e que Zelig também goza de boa saúde. A criança não esteve muito bem, mas agora, agradeço a Deus pois ele está saudável e feliz. Saiba, minha mãe, que eu sinto muito por você não ter vindo aqui, mas entendo que a distância desde Kherson até aqui é muito grande e é por essa razão que estou te escrevendo. Você poderia ter me enviado para algum outro lugar distante, e você ainda deve imaginar que eu sou muito feliz aqui Mas, ouça, minha mãe, o que quero lhe contar. Há aqui entre nós um casal. A moça é minha amiga e seu esposo é um homem sem meios de subsistência. No entanto, a esposa é muito mais feliz do que eu que tenho um marido que pode contratar até uma serva. Oxalá tivesse eu a sorte de ter um marido como o da minha amiga, a quem faltam tantas coisas. Me entenda bem, minha mãe, esse homem é apenas um estranho para mim e nada mais do que isso, mas os olhos distinguem o bem do mal. Há pessoas que têm sorte, embora não devam ser invejadas. Esse homem adoeceu, pois feriu-se no pé e está, com a esposa, literalmente, morrendo de fome. Mas, com a ajuda de Deus, ele ficará bem. Eu peço, minha mãe, que venha até aqui para que eu possa abrir meu coração diante de ti. Me perdoem, você e papai, se derramei minhas aflições com vocês. Desejo paz e segurança a todos os membros da família.

Quem se despede dos dois é sua filha que os abençoa com toda a bondade.

Tzipora

Zelig lhes envia saudações".



Tradução: Gabriel Steinberg**

Recebido em: 30/03/2019.

Aprovado em: 10/04/2019.

** Professor no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.